

A VANTAGEM



REVISTA POPULAR DE ORIENTAÇÃO RACIONAL

SUMÁRIO

N.º 4

Eliseu Reclus, retrato — 4 de Julho de 1905-4 de Julho de 1909, pela Acedação — Eliseu Reclus, por Pedro Kropotkine — O futuro da nossa filha, por Eliseu Reclus — Aves, soneto livre de José Bucelar A Fabrica, soneto de Anjelo Jorge — Higiene «O Tabaco» Mentos Assunção — Nós e a imprensa, — Espadente

PROPRIETARIOS E DIRETORES: Grácio Ramos e Pinto Quartim

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua dos Mouros, 30, 2.ª — LISBOA

Enc. e Imp. Fernandes-R. Retiroeiros, 5 x 7

Proprietários e Directores

GRÁCIO RAMOS & PINTO QUARTIN

TIP FERNANDES
5, R. Retrochouros, 7
— LISBOA —

ÁMANHÃ

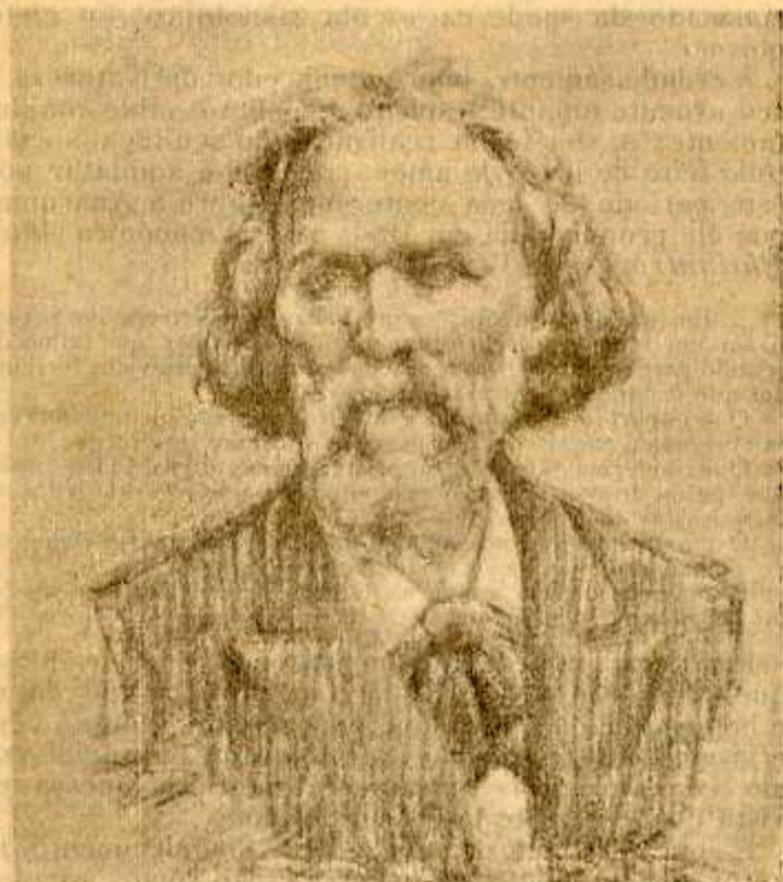
Sede provisória da
Redação e administração
R. dos Mouros, 30-2.º
Lisbõa (Portugal)

Revista popular de orientação racional

I SÉRIE

Lisbõa, 15 de Julho de 1909

NÚMERO 4



Elisée Reclus

4 DE JULHO DE 1905 — 4 DE JULHO DE 1909

Fez no dia 4 do presente mez precisamente quatro anos que, em Bruxélas, faleceu Eliseu Reclus, autôr da monumental Geografia Universal, a obra mais vasta e talvez a mais importante da literatura científica de tódo o seculo passado.

Eliseu Reclus que, universalmente, é apenas conhecido como o maior geógrafo do mundo, foi não obstante um sociólogo eminente, um propagandista entuziasmado da moderna escola sociológica — o anarquismo.

Verdadeiramente bom, conhecedor da Natureza e seu ardente amante, espirito de poeta e sábio conjuntamente, a sua fé na realização do seu ideal social, tódo feito de luz e de amor, poder-se-á aquilatar por este período de uma conferencia sobre a Anarquia, por êle pronunciada em 1894, na loja maçónica *Amis Philantropes*, de Bruxélas:

... Em face destas evoluções profundas, irresistiveis, que se realizam em tódos os cérebros humanos, que simples, que falhos de sentido parecerão aos nossos descendentes estes protestos furibundos que se lançam contra os inovadores!

Que importam as palavras grosseiras que vomita uma imprensa obrigada a pagar com boa prôsa os subsídios que recebe?!

Que importam até os insultos sinceramente proferidos contra nós, pelos devôtos «santos, mas simples», que levaram lenha ás fogueiras de João Huss?!

O movimento que nos arrasta não é obra de energúmenos ou de sonhadôres, mas da sociedade em seu conjunto.

E' necessario pâra a marcha do pensamento; chegou a sêr fatal, inevitavel, como a rotação da terra e dos ceos.*

Parecerá, talvez, á primeira vista, um paradoxo que—descordando nós com comemorações de datas e homenajens a individuos, porque isto, a nosso vêr, cria um nôvo fetichismo tão intolerante e estúpido como o das imagens relijiosas—abrâmos hoje a nossa revista com o retrato de Eliseu Reclus.

E' que, ao lembrarmos a data do falecimento do autôr de «O Homem e a Terra», não sômos levados por nenhum sentimento de idolatria, mas tão só pelo desejo de aproveitarmos a occasião que se nos oferece pâra apresentar áqueles que de «anarquismo» tão falsas noções teem e a quem os «anarquistas» tão infundado terror inspiram, um dos mais nobres caratêres da nossa época que nunca encobriu o seu ideal libertario, antes o proclamou bem alto, por toda a parte, e pela palavra pela pena, pela ação e pelo ezemplo.

O seu retrato, também o não inserimos com o intuito de a jeração presente se inclinar ante êle, em admiração ao talento e ás virtudes de quem êle representa.

Inserimo lo, por méra curiosidade, movidos pela mesma razão que nos levará amanhã a publicarmos a fotografia de uma derrocada.

E pára que nêste recordar da derrocada de um homem grande pelo seu coração e intelijencia como Eliseu Reclus, ninguem veja uma glorificação fetichista, propositadamente traduzimos, adiante, a seu respeito, um artigo em que um outro sábio verdadeiramente grande — Pedro Kropotkine — pondo de parte encómios e lisonjas, apenas trata de nos dar meia duzia de páginas recheadas de historia e de doutrina.

A REDAÇÃO.

ELISEU RECLUS

Quarta-feira (5 de julho de 1905), o telégrafo annunciava-nos que Eliseu Reclus morrêra, na vespera, numa aldeia belga, não lonje de Ostende. Havia cêrca de três semanas que tinham começado a reproduzir-se, cada vez mais frequentes e penosas, as crises de anjina pectoral de que sofria desde longa data e que na primavera passada estiveram a ponto de o levar. Antes disso, os seus amigos julgavam que, com altos e baixos, poderia viver ainda, e trabalhar alguns anos. Agora, o organismo que até então lutára bravamente, succumbia a olhos vistos.

«O seu ultimo instante de felicidade — escreve-nos um amigo — foi segunda-feira á tarde, algumas horas antes da sua morte, ao ouvir a leitura de um telegrama da Russia! — provavelmente sobre a insurreição de Odessa. — O seu ultimo trabalho acabado foi o prefácio de *O Homem e a Terra* para a edição russa, mas até sabado pôde ditar algumas notas para a sua obra.

O seu último esforço para falar em público foi, como se sabe, em Paris, no comício organizado por nossos amigos para exprimir a simpatia dos franceses pelo movimento revolucionario russo. Veio de Bruxelas espressamente. Mas a «vista dessa bela juventude revolucionária impressionou-me tão fortemente que tive de me sentar ao cabo de dois minutos».

Com Eliseu Reclus, perde o movimento operario do mundo inteiro uma das suas mais belas figuras, um dos seus mais ardentes, mais completos defensores. E a ciencia perde nele um dos que melhor sentiram e viveram a ligação que prende o homem á terra inteira, assim como ao canto do globo em que luta, sofre e goza a vida.

Eliseu Reclus nascêra a 15 de março de 1830, na Gironde, em Saint-Foy-le-Grand. Seu pai era um pastor protestante, um homem digníssimo, um dessa raça vigorosa que sustentára muitas lutas para manter o seu direito de crêr sem ser como ordenava a Igreja: um homem que viveu toda a sua vida amando o campo.

nês, o homem curvado sobre a terra. Um dia, na idade de 70 anos, vê num campo um jôvem camponio enterrando um cavallo, morto de antraz. — «Tu és jôvem; diz-lhe o velho pastor, e arriscas a vida, ao passo que eu sou velho. Volta para casa; eu vou enterrar o animal». O camponio recusava; êle insistiu. E trabalhou com a enxada todo o dia, sózinho. Ao cafr da noite, o pesado animal estava sepultado.

A mãe de Reclus era tambem uma mulher pouco vulgar. Passára toda a vida insinuando na escola. Tinna já perto de setenta anos, quando viu que havia uma lacuna em sua instrução. Não sabia fiica. Pôs-se então a estudá-la concienzosamente, e no fim dum ano, já a insinava a seus discipulos.

A familia era numerosa. Eram doze filhos, sendo Elias o mais velho e Eliseu o segundo. Era a pobreza, e desde então Eliseu ganhou e conservou em toda a vida esse respeito pelo pão que, tantas vezes, em sua mocidade, foi seu unico sustento e ao qual voltava de tão boa vontade. Um pão e uma maçã ou uva, era quanto lhe bastava para viver e trabalhar.

Fez os seus primeiros estudos universitarios na faculdade protestante de Montauban. Seu pai queria fazer dele um pastor. Mas cedo se desembaraçou dos prejuizos religiosos, e com seu irmão Elias, partiu em breve para Berlim onde o grande geografo Karl Ritter atraia então uma juventude ávida de se instruir em suas grandes e belas generalizações sobre a vida da Terra e de seus habitantes. Uma grande parte do caminho andaram-no a pé, em companhia dum cão para o qual, à noite, reservavam a sopa, em quanto os dois irmãos se contentavam com pão seco.

Não sei onde estava Eliseu durante a Revolução de 1848, mas o facto é que, após o golpe de Estado de dezembro de 1851, os dois irmãos tiveram de abandonar a França.

Eliseu então gastou seis anos em viajens.

Resdiu em Irlanda, onde esposou com todo o ardor a causa do povo irlandês, esfomeado pelos ingleses que lhe haviam roubado a terra e destruido as suas indústrias rurais. Percorreu os campos, conheceu o povo irlandês em sua vida quotidiana de fome e de miseria, e amou-o para sempre.

Dirijiu-se depois aos Estados Unidos, e de lá á Columbia e á Guiana, — viagem que êle contou num livrinho duma esquisita beleza *Viajem á Serra Nevada de Santa Maria* e que lhe inspirou mais tarde as mais belas generalizações da sua obra *A Terra*. Desta viagem trouxe o odio á escravatura e o amor pelas raças negras ultrajadas pelos brancos.

Em 1857, reenrava em França. A Europa despertava para esse grande movimento que produziu as sublevações de Garibaldi, a libertação duma parte da Italia, a abolição da servidão na Russia, e os Estados-Unidos começavam já a luta que devia abolir para sempre a abominavel escravatura. As ciencias naturais entravam ao mesmo tempo nessa bela epoca de despertar que transformou, nos anos de 1854 a 1862, o nspeto inteiro da ciencia moderna.

Reclus respondeu a essa dupla corrente humanitaria e scientifica. Soube interessar os franceses pelo grande movimento abolicionista que começava na America. Lançou-se no movimento anti-imperialista que principiava a desenhar-se em França nos anos sessenta, e tomou parte nas conspirações do tempo contra o imperio.

Mas principiava já um novo movimento — os estremecimentos do proletariado francês, que deviam despertar os proletarios dos dois mundos; e Eliseu tomou parte nos seus incios. Desde 1863, fazia já parte da Internacional, isto é desde as primeiras reu-

niões em que ella se constituiu em 1864; e, muito antes de se fundar a Aliança de Bakounine, já Eliseu era membro da associação secreta fundada, também por Bakounine em Italia, em 1864, e chamada Fraternidade Internacional, — associação dissolvida em 1869. De facto, Eliseu era comunista muito antes da fundação da Internacional (seu irmão Elias, fourierista convicto, publicava um jornal fourierista sob o imperio), e a grande Associação dos Trabalhadores não fez mais do que oferecer aos comunistas franceses, entre os quais estava Eliseu, um novo campo de acção internacional. Se não me engano, forçado de novo, durante o imperio, a refugiar-se na Inglaterra, pertenceu mesmo por um momento ao conselho geral da Internacional em Londres, ou, pelo menos, cooperou em alguns trabalhos desse conselho.

Nos fins do imperio, Eliseu estava em Paris, e publicava em 1867-68 a sua obra monumental *A Terra* cujo volume primeiro, *Os Continentes*, o colocou immediatamente na primeira plana dos geógrafos do nosso seculo.

Como tudo quanto Eliseu escreveu, esta obra é duma beleza notavel. De principio a fim, o modo de expôr as vistas de conjunto ou de descrever tal traço da natureza é duma força, duma beleza e dum acabado que, salvo em Alexandre Humboldt, não têm iguaes em toda a literatura do seculo. Contava-lhe eu um dia como, em Madrid, deliciando-me na obra de Murilo, fiquei impressionado com esta ideia: «Porque vive seculos o que é *bel. ?*» — «O belo? mas é *uma ideia pensada em seus particulares*», me respondeu elle. E depois, sempre que lia uma página sua, recordava-me de tal definição. A *Madona* de Murilo, não seria *bela* se cada pormenor, — as mãos, os cabelos, as mesmas pregas do vestido — não se armonizasse com a ideia fundamental do quadro: o *estase do amor puro*. Do mesmo modo, uma página de Eliseu perderia a sua *beleza* se a ideia fundamental não fosse tão bem pensada em seus pormenores, que cada pormenor, cada ideia secundaria, vêm enquadrar, reforçar a ideia matriz da página, do capitulo, do opusculo ou do livro.

Veiu a guerra de 1870-71, o cerco de Paris, a Comuna. Reclus inscreveu-se na companhia dos aëronautas, dirigida por seu amigo íntimo, o fotógrafo Nadar, e ajudou o nessa organização, maravilhosa para o tempo, por meio da qual Paris sitiado foi posto em relações regulares com os departamentos.

Mas os successos precipitavam-se. A energia revolucionária socialista, acumulada em França e sobretudo em Paris, durante os últimos anos do imperio, não podia dissipar-se em pura perda, sem tentar mostrar-se á luz do sol, sem plantar ao menos uma balisa para o futuro, — e a revolução de 18 de março estalou em Paris.

Aqui, Eliseu, que sempre odiou o galão e sempre se sentiu povo, deu o verdadeiro exemplo. Quando os chefes blanquistas e jacobinos accitavam logares no governo da cidade revoltada, e os proprios internacionalistas federalistas accitavam a sua eleição ao conselho da Comuna, Eliseu tomou a carabina e ficou nas filas dos federados. Seu irmão Elias, adôrador da arte antiga, punha-se ás ordens de Vaillant e salvava, nos subterraneos, durante o bombardeamento e o incêndio, os tesouros do Louvre e da Bibliotheca Nacional, quasi sob o fogo e os cutelos dos versalheses.

Desde o principio, projetava a Comuna uma sortida sobre Versalhes, a qual veiu a realizar-se na primeira metade de abril. Eliseu, de armá em punho, tomou parte nela. Foi feito prisioneiro no planalto de Châtillon — e bebeu toda a taça dos sofrimentos

físicos e dos insultos de que a burguesia triunfante cobriu os seus prisioneiros.

•Quando entravamos em Versalhes, a multidão dos burgueses, com suas damas galantes dependuradas do braço recebia-nos com todos os insultos imagináveis, no momento em que, de mãos atadas, desfilávamos na sua frente. Um homem pareceu-me reconhecer nele um membro da Sociedade de Geografia — gritando: «Oh! que patife!» descarregou-me um murro formidável na nuca. A sua senhora batia-me com a sombrinha. Depois de todas as fadigas da noite precedente, caí desmaiado. » Depois vieram todos os horrores da planície de Satory, as sentinelas atirando á queima-roupa sobre quem se levantasse, fatigado de jazer na lama, e pelotões levados todos os dias para serem fuzilados. Depois veio Brest. Só se respirou um momento, na prisão de Mont Saint-Michel.

Mas os sábios de toda a Europa, sobretudo os ingleses, ajitaram-se. Darwin, Wallace, W. Carpenter e tantos outros, assinavam uma petição pedindo a liberdade do grande geografo, condenado em novembro de 1871 á deportação. Em janeiro de 1872, esta pena foi comutada na de desterro, e Eliseu pôde juntar-se a seu irmão Elias em Zurigo.

Escreveu então a sua obra, talvez a mais bela de quanto escreveu, a *História duma Montanha*, onde agradecia á montanha o serviço que ella lhe prestára permitindo-lhe restabelecer uma espécie de equilibrio do espirito, depois de quanto vivêra e sofrêra, porque nisto, Eliseu Reclus e Goethe estão de perfeito accordo. Para ambos, vive toda a natureza, — a montanha, o regato, a floresta são os irmãos do homem.

Foi em Clarens, em 1872, que começou a sua obra principal, a *Geografia Universal*, da qual appareceu o primeiro volume em 1876 e o ultimo, o decimo nono, dezotto anos mais tarde, em 1894.

Avaliar-se á a imensidade desta obra, se eu disser que para cada volume, de cerca de 800 páginas, Eliseu consultava aproximadamente 1.000 volumes e artigos. Um artigo, um volume, era lido algumas vezes, só para mudar aqui e ali, no texto primitivo, um adjetivo e pôr um que melhor caracterizava tal ou tal tribu, tal ou tal vale ou planície. Mal se comprehende como Eliseu pôde combinar tão suberbas vistas de conjunto com essa massa infinita de pormenores pinturescos — risonhos, sombrios ou majestosos, mas sempre poeticos — de que cada volume está tão cheio que não se pôde recomendar a um viajante melhor companheiro de viagem. Se ao mesmo tempo se pensa que cada ano apparecia um novo volume, e que safu tudo em fasciculos, sem interrupção duma semana, não se comprehende como um homem tenha podido executar tão vasto trabalho. E no entanto, não ha uma linha da imensa obra que não tenha sido escrita por sua mão, quer no manuscrito primitivo que traçava as grandes linhas da obra, quer nas inumeras edições feitas, depois de impresso o primeiro manuscrito, em fórma de provas.

Eliseu salientava-se sobretudo na descrição das grandes nações, assim como das mil e mil pequenas tribus. Parecerá que essas descrições devam repetir-se; tal não succede! E falando do menor povo, achava algumas palavras para inspirar ao leitor esta ideia: que todos os homens se equivalem, que não ha raça superior e raças inferiores.

Foi em Clarens que o conhecemos e em breve todos nós havíamos aprendido a amá-lo, encontrando-o nos comicios, nos con-

gressos e nas reuniões familiares da Federação jurassiana. Ao lado do *Bulletin*, órgão da Federação, fundara Reclus, com Lefrançais e Jukovsky, uma revista mensal, *Le Travailleur*. Depois, quando em Genebra se fundou *Le Révolté*, juntou-se a nós, e logo se identificou inteiramente com o nosso jornal. Para nos ajudar não desdenhava trabalho algum, por menor que fosse. E quando, mais tarde, o movimento anarquista tomou formas mais violentas, não ficou em meio caminho: aceitou todas as consequências. Sabia odiar, como sabia amar, e odiava a ordem burguesa. Por isso, o movimento que se desinvolvera na região lionesa teve todas as suas simpatias. Ele que não teria violentado ninguém, via que a emancipação do povo trabalhador não se fará sem atos de força despertando as massas, nem sem lutas grandiosas entre explorados e exploradores.

Assim, logo que *Le Révolté* foi ameaçado de perseguições, Eliseu pôs-se inteiramente à disposição dos amigos genebreses que continuavam o jornal depois da sua prisão. Escreveu então muito para *Le Révolté* e fez em Genebra a conferência *Evolução e Revolução*, cujas conclusões anarquistas escandalizaram seus numerosos amigos e sábios admiradores.

Era sempre o mesmo «Communard». E depois nos anos noventa, quando tantos outros, aterrados pelas bombas de Paris e assustados pelas teorias negativas da moral burguesa que em nossos meios se produziam, se apressavam a pôr-se de lado — Eliseu ficou onde estava. Tomou o seu lugar entre os que os governantes e socialistas de governo baniam da lei; e tão bem, tão franca e abertamente o fez, que os governantes de toda a casta que, nesse momento, exploravam a República, votaram um ódio implacável a toda a família Reclus — pelo menos a todo o seu ramo revolucionário.

Paulo Reclus foi implicado no processo dos Trinta. Seu velho pai, Elias, foi preso, conduzido ao posto e medido nisso que esses canalhas de falsos sábios chamam em seu calão «a antropometria». Eliseu não foi preso, só porque não estava então em Paris; mas os «amigos da ordem» não lhe pouparam o seu fel e as suas insinuações.

A França estava numa triste situação. O que Eliseu sofreu vendo, não só a alta roda, mas o povo francês e até o trabalhador parisiense lançar-se aos pés de Alexandre III e lambem-se à ista dum sorriso da imperatriz, — o que ele sofreu vendo essa última crise dos monarquicos, Boulanger, tão perto do triunfo e só não obter a ditadura por falta de força no proprio pretendente, — o que ele sofreu vendo essa bela França, que tanto amava caída tão baixo. — a ninguém o dizia. Mas deixava que o adivinhassemos por uma palavra numa carta ou numa frase escapada quando das suas curtas visitas a Londres.

Deixou a França a valer, e foi ficar-se em Bruxelas. Só se decidiu a voltar à sua terra natal quando na questão Dreyfus começou a despertar a consciência do povo francês.

Entretanto, fundava em Bruxelas uma universidade verdadeiramente livre — como as ha-de vêr um dia a Europa rejenerada pela revolução social. Foi aí que Elias Reclus fez o seu curso notável (perto de cem conferencias) sobre a origem das idéias religiosas e das religiões, e que Eliseu fez durante muitos anos cursos sobre o desinvolvimento das sociedades humanas sob a influencia dos diversos meios geograficos. Essas lições, de que se tira, como uma necessidade científica, esta conclusão — a Anarquia, formam a essência da bela obra, em três fortes volumes, **O HOMEM E A TERRA.**

Na primavera do ano passado, terminava Eliseu Reclus

essa obra. A energia que até então mantivera, apesar da doença de coração que lhe durava desde 1880, — começou a enfraquecer a olhos vistos. A morte de seu irmão Elias também o impressionára profundamente.

Nesse momento receámos perdê-lo. As paragens do coração repetiam-se quasi todas as noites. E no entanto, entre essas crises dolorosas, logo que nele se reconstituia alguma força, e elle se via em frente dum jóvem amigo, voltava sempre á grande ideia que o inspirára em sua vida — a Anarquia. Os primeiros sintomas de despertar na Russia, que já se notavam, enchiam-no de alegria. Via aí o começo da Revolução social que, elle bem o sabia, não se limitaria á Russia e acabaria por abraçar a Europa.

Após as matanças de janeiro passado em Petersburgo, teve ainda a coragem de vir a Paris e de lá talar alguns minutos para saudar os primeiros alvares da revolução popu ar russa. Mas já se via que, se a sua intelligencia conservava toda a sua lucidez e energia, o coração já não bastava ás funções da manutenção da vida. Cessou de bater na noite de 3 para 4 de julho.

A anarquia já produziu uma serie de caratêres duma esquisita beleza. Eliseu era um dos mais frisantes, dos mais expressivos. Tudo contribuiu para isso. Vemos homens, muito revolucionarios de pensamento, mas pensamos: Como se arranjarão um dia com os primeiros incios da revolução social, quando fór preciso renunciar a muitos hábitos da vida ociosa ou da vida de exploradores de outros officios e profissões menos rendosas, como somos todos, homens de misteres privilegiados? Como se arranjarão com os principios de igualdade, sem os quais não ha revolução social possível? Onde acharão em seus espiritos dominadores, essa tolerancia pelas concepções alheias, ao lado do amor apaixonado das convicções proprias — esse igualitarismo intellectual, que constitue a essencia da anarquia? Onde acharão enfim essa comprehensão dos proprios desvios do espirito e das paixões que se tornam um elemento do progresso nas épocas do «crepusculo dos idolos», do derrubamento dum regime decrépito?

A este respeito, nenhuma dúvida quanto a Eliseu Reclus. Era anarquista até ao mais profundo da intelligencia, até á menor fibra do seu ser. Bastar lhe-ia o pão sêco para atravessar uma crise revolucionária e para trabalhar em edificar um futuro cheio de riquezas para todos. Ele soube manter-se pobre, absolutamente pobre, apesar do bom êxito dos seus belos livros. A ideia de dominar sobre quem fosse parece que jámais lhe atravessou o cerebro; odiava os menores vestílios do espirito dominador. Enfim, para elle, que tão bem conheceu as suas tribus disseminadas pelo globo que n s indicam as *etapes* atravessadas pela humanidade, e que podia com um só olhar reconstruir no pensamento o longo martirio do homem, a anarquia não era um simples sonho amoroso. Era a conclusão, o fêcho da abóbada da humanidade, da ciência: o ponto de mira tão necessariamente indicado como a estrela para a qual hoje se dirige o nosso sistema solar. E como a natureza, a bela natureza que elle amava como a amaram Goethe e Shelley, era para elle uma necessidade fisica, nunca se deixava desviar do seu caminho por nenhuma das superstições inspiradas pelo medo dum além imaginario.

E ainda, o ideal, para elle, era hoje que se devia aplicar. A hipocrisia do despota e do ambicioso que lhes faz dizer: «Será bom para amanhã; entretanto, continuo a reinar», — essa hipocrisia nunca a conheceu. Pois que o estudo da natureza, da história, do homem em todas as latitudes e em todas as épocas, o levára a ver no homem, — a especie e o individuo, — o produto do meio;

pois que concebêra a anarquia em seu sentido de força progressiva através das idades, — já não era para elle uma palavra vã, ou um desiderato lonjinho. Nela via, hoje mesmo, o melhor modo de viver para os homens, sem procurarem governar-se mutuamente. Praticava desde já esse modo de viver, e se de novo se tivesse achado numa Comuna insurjida — a sua divisa teria sido: a Anarquia franca, consequente, audaciosa e, por isso mesmo, triunfante.

Pedro Kropotkin.

O futuro dos nossos filhos

I

Muito egoístas somos! Nos nossos sonhos de revolução, nunca pensamos senão em nós próprios. Espômos as queixas das classes trabalhadoras, sobre tudo as dos homens, que são os mais fortes; reivindicámos pãra elles o direito aos instrumentos de trabalho e ao produto integro da sua actividade; ezijimos que se lhes faça justiça. Principiando a compreender que somos o número e a intelligencia, sentimos nascer dentro em nós o dezejo de proceder e, na semi-conciencia da nossa força, preparamo-nos pãra a prócima revolução.

Se nos sentissemos os mais debeis, cobardes como somos na maioria, mendigariamos ainda a migalha que cai da mēsa dos reis.

*

Acima do homem feito, por mais desgraçado que seja, está a criança. Este sêr débil não tem direitos e depende do capricho benevolo ou cruel. Nada o proteje contra a estupidez, a indiferença ou a perversidade dos que se arvoraram em seus amos. Quem lançará, pois, em seu favôr, o grito de liberdade?

*

Na sociedade actual, toda a autoridade é ezercida de amo pãra escravo, seguindo uma lei lójica.

Deus reina nas alturas, imperando por cima dos ceos e delegando seus podêres na terra ao mais forte, sacerdote ou rei, Hildebrand ou Bismarck.

Debaixo estão os sátrapas de toda a especie, governadores e sub-governadores, jenerais e capitães, chefes e sub-chefes, presidentes e vice-presidentes, todos dobrando a espinha perante um superior, todos inchando de orgulho o peito ante os seus subditos; por um lado a adoração, por outro o desprezo; aqui o mando, acolá a obediencia.

Depois de Jacó, não se achou nada melhor; a sociedade não é outra coisa mais do que uma série de degraus que baixam de deus ao escravo e continuam descendo até aos infernos. Os infernos, os abismos de tormentos, não são senão o símbolo do que tem que sofrer os vencidos e os debeis.

E entre êsses debeis figuram as crianças, que são os grandes burros de carga.

Peço aos homens sinceros que se recordem dos tempos da sua meninice. Ou foram uns desgraçados, ou, se foram mimados, se lhes foram faceis as primeiras lutas da vida, viram, pelo menos, sofrer os seus pequenos camaradas, e com sofrimentos irremediaveis, contra os quais era inutil toda a rebelião. Que podiam fazer contra as violências, as burlas e os insultos dos grandes?

Nada, senão calcar pouco a pouco no fundo do coração um tezouro de vingança que, ao serem maiores, gastaram, talvez, maltratando outras crianças mais pequenas.

Além d'isso, por mais ternos que sejam os pais, por muito que se sacrifiquem pela felicidade dos seus filhos, hão de sofrer, por sua vez, as condições que lhes cria a sociedade em que vivem e submetêr igualmente a elas os seus descendentes. Sabido é até que ponto estas condições são duras pãra o pobre.

E' preciso que o filho do trabalhador entre muito nôvo pãra a fabrica, que se torne muito cêdo o escravo da máquina formidavel que tece a lã e malha o ferro. Não só tem que obedecer aos patrões, aos contramestres, aos numerosos operarios, como tambem se acha escravizado á rodájem da máquina formidavel, cujos movimentos ha de observar pãra regular os seus proprios.

Não se pertence: tôdo o seu jesto se converte num simples mecanismo, toda a sombra do que poderia sêr o pensamento, não é pãra êle mais do que um acompanhamento da obra do monstro impellido pelo vapôr.

E, assim, chega ao estado de homem, se é que a fadiga, a miseria, a anemia não puzêram um rapido termo á sua desgraçada mocidade.

Enfêrmo de corpo, pobre de inteliencia, sem ideias morais, que pode êle sêr e quais as suas alegrias?

Grosseiras, brutais sensações, que não o despertam um momento senão pãra deixa-lo cair de novo, mais entorpecido ainda, mais incapaz de escapar á sua escravidão.

E os lejisladores, não obstante, occupam-se, de quando em vez, de regular «o trabalho das crianças nas fabricas !...»

*

E em conformidade com estas leis — que se tem a audacia de ezalçar como maravilhas da humanidade — nenhum patrão tem o direito de fazer trabalhar a criança mais de doze horas e a privá-la do sôno da noite, «salvo em casos escécionais». A escécção, porém, como se sabe, converte-se sempre na regra.

O mesmo é dizer que é permitido envenenar, mas só em pequenas dózes, como assassinar, mas á força de pequenos golpes.

II

Mas admitâmos que amanhã o trabalho das crianças nas fabricas seja proibido; cheguemos mesmo a supôr que os pais recebam uma pensão do Estado, a trôco do pequeno salario que o patrão daria á criança.

No futuro, a escola estaria aberta e a educação seria completa pãra tôdos, tanto pãra o filho do pobre como pãra o do rico.

Agora que a escola é laica, a formula religiosa foi substituída por uma formula gramatical, as sentenças latinas incompreensíveis foram substituídas por palavras do nosso idioma, que não são mais claras.

*

Pouco importa que a criança compreênda ou não; é necessario que decore um formulario qualquer escrito de antemão.

Depois do absurdo alfabeto que lhe faz pronunciar as palavras de maneira diferente do modo como as escreve (*), e que acostuma préviamente a todas as tolices que lhe são insinadas, veem as regras gramaticais que recíta de memoria, em seguida as bárbaras nomenclaturas a que dão o nome de geografia, e ainda por cima o relato de crimes reais conhecidos com o nome de historia.

(*) Reclus refere-se á lingua franceza, na qual, como se sabe, as palavras não se lêem como se escrevem, tal como succede na lingua portugüeza.

E como pôde, mais tarde, a criatura — ainda a melhor dotada — desembaraçar o seu cerebro de todas estas coisas que lhe fizéram encasquetar á força, umas vezes á custa de um trabalho excessivo, outras até com a ajuda do chicote?

Além d'isso, não teem essas escolas a sua escravidão: horas de aulas e grades nas janelas?

Se se dezeja educar uma geração livre, é mister começar por destruir as prizões chamadas colejos e liceus!

Socialistas! pensemos no futuro dos nossos filhos mais do que na melhoria da nossa situação.

Nós — não o esqueçâmos — pertencemos mais ao mundo do passado, do que á sociedade do futuro. Em virtude da nossa educação, das nossas velhas ideias, de resquícios de preconceitos, sômos ainda inimigos da nossa propria causa; o sinal da cadeia, trazemo-lo ainda marcado no pescoço.

Tratemos de preservar os nossos filhos da triste educação que recebemos; aprendâmos a educá-los de modo que se desenvolvam na mais perfeita saúde física e moral; saibâmos fazer dêles homens como nós quizéramos sêr.

Não esqueçâmos nunca que o ideal de uma sociedade se realiza sempre.

A sociedade burgueza atual, representada completamente pelo Estado, fez, por meio da educação, precisamente o que queria fazer.

E como? Que faz o Estado das crianças sem familia que toma a seu cargo?

Sabemos muito bem. Recolhe-as em hospícios onde, mal alimentadas e mal tratadas, succumbem na sua maior parte. Das restantes toma conta e educa-as para fazer delas soldados, carcereiros e policcias.

Eis af a sua obra! E a sociedade, por êle representada, está plenamente satisfeita com éla.

Quanto a nós, quando chegar a nossa vez, que chegará sem dúvida, quando possâmos atuar e fazer o que quizermos, o nosso principal objéto será preservar os nossos filhos de todas as míserias que soffremos.

Tenhâmos a firme resolução de fazer dêles homens livres — nós, que ainda não têmos da liberdade senão uma vaga esperança.

ÉLISEU RÉCLUS.

Aves

(Do livro *Horas de cárcere*, a entrar no prélo)

*Trindades,
Poente róxo,
Silencio. Da Prisão pelas estreitas grades
Entra um clarão aveludado e frouxo...*

*Aves passam, no alto, pelo ceo lilaz
Com vagos tons de perola e de cobre,
—Ceo cheio de paz,
Onde uma clara estrela se descobre...*

*Lá passam e lá vão,
Juntinhas e felizes, a caminho
Das suas verdes, perfumadas casas...*

*(Um toque de corneta abala o ar de arminho:
Rendem as sentinelas da Prisão.)
Ai! quem me dera ter as suas azas!*

Lisboa, agosto de 1907.

JOSÉ BACELAR.

A Fabrica

*Paro em frente da fabrica maldita
Que se ergue, altiva, a meio duma rua;
É ao vê-la, a alma queda-se contrita
E o coração, de dôr, no peito estua.*

*Meio-dia na torre. O monstro apita.
A lejião dos párias tumultúa.
Um grande borbórinho a rua ajita,
Eleva-se e no proprio ar flutua.*

*Oh! quanta dôr a vida não traduz,
—Penso então—quanto esforço nunca visto,
Vivida assim nas fabricas sem luz!*

*Trabalhador escravo, em face disto,
Eu julgo mais pezada a tua cruz
Do que a cruz em que foi pregado Cristo!*

ANJELLO JORJE.

H I J I E N E

O tabaco

(Conclusão)

Dá-se com o fumar o mesmo que se dá com a mania de tomar morfina, café, chá, alcool, etc.

O abuso horrível destas bebidas, assim como também do ópio, bazeia-se no habito prolongado de «acalmar» (1), por meio de um veneno, os nossos nervos cansados por toda a especie de escitações e super-escitações.

O *calmante*, porém, é muito mais perigoso do que o padecimento contra o qual é aplicado, e se a tempo não largamos o habito, os tais *calmantes* levar-nos-ão a pouco e pouco á sepultura.

O efeito tóxico dêstes fatôres não leva rapidamente os seus adeptos á morte mas diminue consideravelmente a vontade e a aptidão de trabalhar, a fôrça do espirito e a enerjia da vida. Ha, sem dúvida, pessôas que afirmam poderem trabalhar melhor fazendo uzo dêsses narcoticos, mas porque confundem a escitação que êles produzem com uma falsa sensação de fôrça.

Diz o hijienista Dr. Wiel:

•Se o uzo dos narcoticos, com especialidade o do tabaco, embota o appetite, se produz secreção mais abundante da saliva que se cospe immediatamente, então é o caso de largar o fumo de tódo. A saliva serve pâra a dijestão de uma série de substancias nutritivas (amído), logo é prejudicial desperdiçá-la. A fumaça, quando tragada, pode produzir uma irritação pernicioza na mucoza do estomago. Além disso, em certos casos produz o fumar fenómenos desagradaveis de intocsicação.»

O tabaco não é nenhum alimento, é venêno, tórno a dizê-lo, e bem avizado andarás tu, caro leitôr, se não fumares, nem tomares rapé, nem mascáres fumo.

O tabaco penétro tódo o teu organismo, envenena cada nêrvo e átúa sobre os órgãos sécsuais. Se tomares rapé ou mascáres fumo, não incomodarás, é certo, os outros, mas prejudicarás a tua saúde ezátamente como por meio do fumo.

Mascando, absorve-se a nicotina dirétamente pâra o estomago; tomando-se pitádas, entretém-se a mucósa nasal constantemente irritada e faz mal aos ólhos e aos nêrvos da cabeça.

Pára terminar, afirmo: o tabaco é um dos maiores flajélos da humanidade. Não falando já na sua influencia desmoralizadôra, o tabaco é um venêno violento, que produz um grande número de doenças como, por ezêmplo, anjinas, apoplécias, caneros nos labios, na lingua e no estomago, etc., etc., êle é, além disso, consideravelmente nocivo á inteliencia e aos órgãos da vista, do ouvido, do gôsto e do olfato.

MENDES ASSUNÇÃO,

(*Higienista e applicador pratico do traeminto natural*)

Livre-ezame

Conservai em tudo a independencia de vosso espirito Sede respeitosos pára com os vossos mestres e com os autôres dos vossos livros de insino, mas não jureis nunca sobre a palavra do escriptor nem do mestre. Deveis lêr uns e ouvir os outros, ezaminando se as ideias que vos dão são conformes ao vosso pensamento e á vossa consciencia. Se o não são, deveis combatê-las; se o são, deveis respeitá-las. E não vos espantê vêr-vos sós em vossa opinião; em todas as grandes crises da historia um homem só tem tido razão contra toda a humanidade.

PI Y MARGALL.

Nós e a Imprensa

Escétuando alguns jornais — poucos, seja dito em abono da verdade — a quem um estúpido fanatismo político de tal modo lhes obseca a razão que os leva a não prestar justiça ás iniciativas uteis e sinceras, a Imprensa tôda a que envíamos a *Amanhã*, acolheu-nos carinhosamente e muito além da nossa espéctativa, dirigindo-nos incitamentos e palavras de louvôr, que devêras nos cativáram e nos fizeram avivar dezejões de darmos á nossa revista tôdo o brilhantismo que possâmos.

Distinguiram-nos com a transcriçáo de alguns artigos nossos, os seguintes periódicos:

O Independente légoense transcrevendo na sua 1.^a pájina o magnifico conto do nosso querido camarada José Bacelar, «Um Crime»; *O Germinat*, de Setúbal, publicando, em fundo, o criterioso artigo de Emilio Costa; *o Boletim de la Escuela Moderna*, de Barcelona, traduzindo o artigo «Sobre educação Integral» da nossa estimada camarada Deolinda Lopes Vieira, e *O Porvir*, de Beja, reproduzindo os dois belos sonêtos «A Mãe», do nos soprezado amigo Manuel Ribeiro, e as esquecendo-se de anotar a sua procedencia, esquecimento que nos alegraria muito se não vissemos repetir-se.

A todos, o nosso reconhecimento pelas amaveis referencias feitas á revista que, com amôr e tenacidade, vamos dirigindo.

Muito obrigados!

Pára o prócimo número

Devido á sua estensão, vimo-nos forçados a retirar, já depois de composto, o artigo — resposta ás objecções feitas ao «amor livre» por Zelia Marques.

Sairá no numero que vem.

ESPEDIENTE

Prevenimos os nosso assinantes das provincias que nos estão em débito, de que enviámos já pára a cobrança, ás diferentes estações postais, os respectivos recibos, pedindo ao mesmo tempo o favôr de satisfazerem o seu pagamento logo que lhes sejam apresentados.

Aos nossos estimados agentes rogamos a fineza de liquidarem immediatamente com a nossa administração as suas contas relativas ao mez de junho.

A todas as pessoas e coletividades a quem enviamos pela 1.^a vez esta revista e que não a queiram assinar, pedimos que no la devolvam antes do aparecimento do n.^o seguinte. A devolução do exemplar á nossa administração nenhum dispendio lhes acarretará, pois não é necessario colar nova estampilha. Declarar que não desejam ser assinantes sómente quando se lhes apresenta o respectivo recibo, é, além de um proceder pouco honesto, criar grandes embaraços á ezistencia desta revista.

Sumário do número 2

A ofensa da mentira é uma mentira, *João Branco* — O amor sensual, *Anjelo Jorje* — Aspétos, tentativas de uma filozofia da historia, por *Antonio Cobeira* — Algumas palavras sobre a historia da educação, *Lucinda Tavares* — Arte, soneto de *Bento Faria* — Maldades, *Araujo Pereira* — A nossa ortografia.

**O prócimo número aparecerá
a 1 de Agosto**

A'MANHÃ

Revista popular de orientação racional

(Aparece nos dias 1 e 15 de cada mez)

Publica estudos sociológicos e de educação moderna, contos, poesias, críticas, músicas, canções, retratos, desenhos artísticos, etc., etc.

Preços das assinaturas

Para o continente, Espanha, ilhas e colonias portuguesas:

Serie de 6 números (trimestre) incluindo o importe do correio	150
Serie de 12 números (semestre)	300
Numero avulso	30

Para o Brasil (moeda fraca)

Serie de 12 números (semestre)	2\$000
Serie de 24 números (ano)	4\$000
Numero avulso ..	200

Para os outros países:

Serie de 12 números (semestre)	2,50 fr.
Serie de 24 números (ano)	5 fr.

Pagamento rigorosamente adiantado que pôde ser feito em estampilhas continentais — Acresce a despesa da cobrança quando esta se fizer pelo correio.

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importância.

Todas as pessoas que nos enviarem diretamente uma lista de dez assinaturas *garantidas*, receberão gratuitamente a revista «A'manhã».

AGENTES

Acceptam-se em todas as terras onde ainda os não haja, concedendo-se a percentagem de 20% em cada exemplar e garantindo-se uma assinatura gratuita logo que angariem um numero superior a 10 compradores, sendo por conta da administração todos os gastos da remessa e devolução dos exemplares.

Venda de livros

A administração da revista «A'manhã» satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importância correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periódicas da Europa e da America.

Esta revista encontra-se á venda nas principais livrarias, quiosques e tabacarias do paiz.